

## MULTIPLICADORES REFLEXIVOS: UMA EXPERIÊNCIA DO INSTITUTO FAMILIAE JUNTO AO GRUPO DE ASSISTÊNCIA EM TRANSTORNOS ALIMENTARES (GRATA) DO HC-FMRP-USP

*REFLECTING PRACTITIONERS PROGRAM: AN EXPERIENCE OF TOGETHER INSTITUTE FAMILIAE TO THE GRUPO DE ASSISTÊNCIA EM TRANSTORNOS ALIMENTARES (GRATA) OF HC-FMRP-USP*

Adriana BC César<sup>1</sup>, Marília de F Pereira<sup>1</sup>, Rosângela Russo<sup>2</sup>, Ana CN Soares<sup>1,3</sup>, Azair T Vicente<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Psicóloga. Instituto Famíliae <sup>2</sup>Psiquiatra. Instituto Famíliae. <sup>3</sup>Docente. Departamento de Educação, Ciências Sociais e Política internacional. Faculdade de História, Direito e Serviço Social. (FHDSS) UNESP - Franca

**CORRESPONDÊNCIA:** Ana CN Soares. Rua Major Claudiano, 1488, Centro - CEP: 14400-690 - Franca, SP  
anassif@netsite.com.br

César ABC, Pereira MF, Russo R, Soares ACN, Vicente AT. Multiplicadores reflexivos: uma experiência do Instituto Famíliae junto ao Grupo de Assistência em Transtornos Alimentares (GRATA) do HC-FMRP-USP. Medicina (Ribeirão Preto) 2006; 39 (3): 433-8.

**RESUMO:** Este artigo objetiva descrever o trabalho Multiplicadores Reflexivos desenvolvido junto ao GRATA (Grupo de Assistência em Transtornos Alimentares) do HC-FMRP-USP, pelo Instituto Famíliae. O referido trabalho buscou “cuidar dos cuidadores”, ou seja, da equipe interdisciplinar do GRATA, através do desenvolvimento da capacidade reflexiva, da apropriação de recursos próprios, do favorecimento da construção de histórias alternativas e da capacidade de resolver situações descritas como problemáticas, por estes profissionais. Foram realizados treze encontros mensais, entre o Famíliae e o GRATA. As mudanças descritas pelos participantes ocorreram com a realização de atendimentos interdisciplinares em dupla e com o desenvolvimento da capacidade de construir lugares mais confortáveis, tanto na equipe como na relação profissional – usuário – família. Esta tríade passou a ser vista pela equipe em termos de seus recursos e competências, abandonando, assim, posturas baseadas nas “falhas” e “faltas”. Desta forma, relações horizontais puderam ser privilegiadas ao invés de relações hierarquizadas.

**Descritores:** Multiplicadores Reflexivos. Equipe Interdisciplinar.

Os transtornos alimentares vêm ocupando lugar importante no cenário nacional da Saúde Pública e, conseqüentemente, ganhando a atenção de pesquisadores e profissionais, através de projetos e serviços especializados das mais variadas instituições de saúde.

Dentre os vários estudos a respeito desses transtornos encontramos artigos voltados, em geral, à sua

etiologia<sup>1</sup>, a tratamento pesquisado<sup>2</sup> ou a fundamentos históricos dos transtornos alimentares<sup>3</sup>.

Em termos de projetos e serviços especializados, o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (HC-FMRP-USP), mantém o Ambulatório de Distúrbios de Conduta Alimentar composto por uma equipe multidisciplinar.

## 1- O GRATA (GRUPO DE ASSISTÊNCIA EM TRANSTORNOS ALIMENTARES) E O INSTITUTO FAMILIAE: UMA POSSIBILIDADE DE ENCONTRO

O GRATA, grupo originário da equipe multidisciplinar do Ambulatório de Distúrbios de Conduta Alimentar, do HC-FMRP-USP, é composto por médicos nutrólogos e psiquiatras, nutricionistas, psicólogos e estagiários, que trabalham com pessoas portadoras de anorexia e bulimia nervosas e seus familiares. Esta interdisciplinaridade, se faz necessária frente à complexidade das situações vividas pelos usuários portadores desses transtornos. O GRATA já tinha por princípio e necessidade repensar suas práticas, através de reuniões semanais, com toda a equipe. Frente às frustrações e ao desgaste destes profissionais, em trabalhar com usuários portadores de tais transtornos, bem como com seus familiares, foi proposto ao Instituto Familiae\* uma parceria para que realizasse um trabalho de “cuidar do cuidador”, ou seja, de cuidar destes profissionais, denominado Multiplicadores Reflexivos.

## 2- O PROJETO MULTIPLICADORES REFLEXIVOS: CRENÇAS E AÇÕES

Desde 1997, o trabalho Multiplicadores Reflexivos tem sido desenvolvido por uma equipe do Instituto Familiae em São Paulo, SP, junto à instituições públicas e privadas, nas áreas de educação e assistência social. Em Ribeirão Preto, a parceria com o GRATA foi o segundo trabalho, agora da Unidade Ribeirão Preto do Instituto Familiae, em termos de Multiplicadores Reflexivos.

O surgimento do projeto Multiplicadores Reflexivos<sup>4</sup> se deu baseado nas seguintes questões: nas crenças da própria equipe a respeito da saúde das relações interpessoais; nos conhecimentos locais, enquanto possíveis recursos utilizados por grupos em seu cotidiano; no paradigma pós-moderno, surgido, principalmente, na segunda metade do século XX, que nos leva a pensar outra noção de sujeito e na busca de uma sociedade mais colaborativa e cooperativa.

Para este artigo, nos centramos na mudança paradigmática (pensamento moderno ao pós-moderno), apesar de ser esta, uma escolha didática.

Somos seres sociais. Assim, a cooperação, entendida aqui como ação entre seres humanos, é fundamental para este projeto. Segundo Maturana (1997, p.206)<sup>5</sup>:

*“A conduta social está fundada na cooperação, não na competição. A competição é constitutivamente anti-social porque, como fenômeno, consiste na negação do outro. Não existe a competição sadia porque a negação do outro implica a negação de si mesmo ao pretender que se valide o que se nega”.*

Enquanto seres sociais, as construções de nossos modos de vida são contextuais, culturais, históricas, com saberes locais, que se constituem entre os seres humanos relacionais no cotidiano dessa sociedade, independentemente de sua magnitude, pois estes grupos sociais validam nossas ações, estabelecendo regras e normas, mais ou menos rígidas ou flexíveis, criando o nosso jeito de sermos humanos.

Desta forma, nos constituímos nas relações e na linguagem. Compreendemos o mundo através de artefatos sociais, produtos de intercâmbio das pessoas, num dado local e tempo. Assim, o processo de conhecer, compreender, explicar ou descrever algo é resultado de uma construção ativa e cooperativa de pessoas em relação, constituindo-se, então, em formas de ação social<sup>6</sup>.

Se é através da linguagem que nos constituímos,

*“(...) toda realização humana se estabelece a partir de uma emoção, nada humano ocorre fora do entrosamento do linguajar com o emocionar, e, portanto, o humano vive sempre em um conversar”.*<sup>7</sup>

Ainda seguindo Maturana (1992)<sup>8</sup>, são as emoções que definem os diferentes campos de ação pelos quais poderemos nos movimentar. Mudar o que pensamos e o que dizemos, ou seja nossa ação, passa por localizarmos e identificarmos nossa emoção, pois ela é o *a priori* do sistema racional, que opera com princípios definidos.

O projeto Multiplicadores Reflexivos propicia, então, espaços conversacionais, através dos quais *“o entrelaçar de emoções e linguagem pode ser reconhecido e utilizado como recurso. Quando as pessoas participam desses grupos de conversação,*

\* O Instituto Familiae é uma Associação Sem Fins Lucrativos; fundado em 1991, em São Paulo, SP, o Familiae também está atuando em Ribeirão Preto, desde 1995, com sede própria há três anos. Ministra cursos de formação em Terapia de Família e Casal, em Mediação Transformativa e em Atendimento Sistêmico. Atende famílias, casais e grupos, em sua Clínica Social. Para conhecer melhor as propostas do Instituto Familiae, acesse: [www.familiae.com.br](http://www.familiae.com.br).

*elas vivenciam a possibilidade de estar em diálogos reflexivos, onde podem fazer a distinção em seu conversar, dos diferentes domínios de ação aí presentes: pensar – emocionar – agir.”<sup>4</sup>*

Os diálogos reflexivos são conversações nas quais privilegiamos a fala e a escuta; construímos a possibilidade de desenvolvimento da postura de curiosidade pela fala do outro e de *todos* os outros. Abrimos, assim, o leque da diversidade das experiências vividas pelas pessoas do grupo e a possibilidade de propostas alternativas validadas pelo próprio grupo, para futuras ações. Nesta postura, somente podemos acreditar em “saberes” e “verdades”, legitimando as múltiplas vozes ali emergentes.

Andersen (1999)<sup>9</sup> considera que as conversações são ingredientes ricos para que se possa gerar novos significados; estas trocas podem trazer novas compreensões para velhas histórias, ajudando as pessoas a saírem de lugares e/ou situações paralisantes, com maior oportunidade de escolhas para trilharem caminhos novos, através do reconhecimento de suas competências e do grupo. Desse modo, o grupo vai reescrevendo suas possibilidades, retomando sua autoria.

Finalmente, o papel da equipe que atua no projeto Multiplicadores Reflexivos é, através de perguntas, o de facilitar contextos conversacionais, gerando recursos para a pessoa e para o grupo. Esta experiência de competência pode, assim, ser solidificada e a ação multiplicadora edificada, junto aos usuários e seus familiares. A equipe de facilitadores pretende não reproduzir relações de “doadores-receptores”, não priorizar ações especializadas, do tipo “correção” de problemas gerados pela “ineficiência” do grupo e não apontar soluções *a priori*, mas co-construídas. Gergen (1998, p.220)<sup>10</sup>, ao se referir à postura do terapeuta de investigação interessada nas premissas dos clientes, nos presenteia com o que acreditamos, também ser o lugar da equipe facilitadora, no Multiplicadores Reflexivos:

*“Este modo receptivo de investigação – com sua abertura para modos diferentes de pontuar a experiência e prontidão para explorar múltiplas perspectivas e endossar sua coexistência – pode, na medida em que for vivenciado pelo outro, precipitar uma mudança de postura em relação à experiência. Com isto, ela pode liberar os participantes da terapia [dos espaços conversacionais] de uma submersão em construções limitantes do mundo. Isto porque a experiência da receptividade – de abertura para a experiência, juntamente com a*

*prontidão para adotar múltiplas perspectivas e aceitar a própria relatividade do sentido – inclui uma mudança de perspectiva”.*

Resumindo, a proposta do projeto Multiplicadores Reflexivos é:

- desenvolver a capacidade reflexiva dos indivíduos, através do diálogo.
- despertar nos participantes a identificação e apropriação de suas habilidades e recursos.
- favorecer a construção de histórias alternativas para suas próprias vidas.
- desenvolver a capacidade de resolver situações consideradas problemáticas.

### **3- O GRATA E O INSTITUTO FAMILIAE: OS ENCONTROS DESENHADOS**

Nossos encontros com o GRATA foram se desenhando através de treze encontros mensais, no período de maio de 2002 a junho de 2003, sendo os oito primeiros com cinco membros do Familiaie e os cinco restantes, com duas profissionais deste Instituto. Estas reuniões ocorreram em forma de grupo aberto aos participantes do GRATA, visto não ser possível a participação de todos, em todas as reuniões, devido ao acúmulo de atividades dos mesmos.

O projeto inicial de Multiplicadores Reflexivos<sup>4</sup> contempla a proposição de exercícios ao grupo que estimulam a participação de todos e possibilitam a cada elemento um olhar para si próprio; enfim são ferramentas que convidam os participantes a estarem em conversas reflexivas desenvolvendo a “escuta”, identificando ingredientes que cada um necessita para estar em uma “boa” conversa e legitimando as diferentes visões no grupo.

Pelo fato do GRATA já ter uma história de reuniões frequentes para ressignificar suas práticas sem o Familiaie, estas ferramentas foram também utilizadas, porém, muito mais voltadas às especificidades do grupo. Assim, antes de cada reunião e pensando na anterior, a equipe de facilitadoras preparava um exercício, mas somente o utilizava depois de uma conversa grupal, para construir a necessidade do grupo, naquela reunião.

Os encontros com o GRATA se iniciavam, então, com conversas com todo o grupo ou em subgrupos, no sentido de construir o pedido destes para aquela reunião. A cada reunião, um caminho se delineava e a atividade proposta se desenvolvia.

Escolhemos recortar para este artigo, dois momentos que foram considerados por nós e pelo próprio GRATA, como de grande utilidade para mudanças na equipe e desta para com os portadores de anorexia e suas famílias.

#### 4- “LAGARTA -CRISÁLIDA/CASULO-BORBOLETA”: A CONSTRUÇÃO GRATA - FAMILIAE

##### 4.1- 1º momento

Durante nosso 4º encontro realizamos um exercício com o GRATA, que denominamos “Exercício das fotos”. De posse de quatro fotos diferentes, cada participante recebe uma foto e constrói uma fala curta sobre o que vê, registrando por escrito. Posteriormente, reúne-se em duplas/trios com fotos diferentes e cada um conta sua história sobre a foto. Pedimos para quem ouve, que faça perguntas para entender a construção da história do outro, dentro de uma postura de curiosidade. Após esta etapa, os participantes se reúnem em quatro subgrupos, sendo cada um composto pelas pessoas que viram a mesma foto. Em seguida, cada subgrupo forma um círculo no centro, interno em relação ao grupo maior, e conta suas histórias. Posteriormente, voltamos ao formato do grupo único, para que cada pessoa possa compartilhar suas reflexões com todos. O que é valorizado neste exercício é a diferente maneira como cada um constrói a história do que viu na foto. Estas diferentes construções possibilitam legitimar as diferentes visões sobre um mesmo fato, de modo que as diferenças possam ser consideradas um ganho para os interlocutores, e não um elemento de disputa.

Ao iniciarmos o 5º encontro, como em todo começo sempre fizemos, perguntamos aos participantes, o que havia ficado de importante do encontro anterior e o que havia feito diferença. Ocorre, então, o seguinte relato:

Profissional 1: “*Resolvemos atender juntas [duas profissionais com formações diferentes, aqui denominadas profissional 1 e profissional 2], para evitar dificuldades em lidar com a comunicação.*”

Profissional 2: “*Foi muito importante, na última reunião, percebermos as diferenças em cada área profissional.*”

Profissional 1: “*Realizamos o atendimento juntas e facilita para a gente e para o paciente. Foi bom ver a abordagem da Profissional 2.*”

Profissional 3: “*A confiança do paciente existe com as duas profissionais...*”

O que ocorreu aqui foi a emergência de mais um formato de trabalho, para estas profissionais que nunca haviam atendido juntas. Compartilhar reflexões a respeito de diferentes histórias e visões parece ter construído um movimento em direção à apropriação de idéias, competências e desejos comuns, além da postura em que as diferentes vozes dentro da equipe são entendidas como recurso na busca de transformações. De acordo com Bernardes, Barbas e Pereira <sup>4</sup>:

“*À medida que as características e habilidades de cada um são vistas e consideradas como um ingrediente daquela equipe, nem mais nem menos, as expressões dessas características e habilidades aparecem e são utilizadas como recurso para todo o grupo(...)*”

##### 4.2- 2º momento

Na segunda metade deste 5º encontro propusemos aos elementos do grupo que pensassem em como descreviam a anorexia e que escolhessem um animal símbolo, que se encaixasse com esta descrição. Cada participante foi relatando suas reflexões e a equipe facilitadora, localizando emoções, idéias e ações a partir das descrições compartilhadas. Estas descrições foram retomadas, espontaneamente, no último encontro, que passamos a contextualizá-lo, a seguir.

Para encerrarmos nossos encontros do Multiplicadores Reflexivos, propusemos ao GRATA que pessoas do próprio grupo coordenassem a última reunião; as duas facilitadoras do Familiae se posicionariam como participantes no círculo do grupo, somente assumindo a coordenação da reunião, nos trinta minutos finais, para fazerem o seu encerramento. Este pedido foi feito, para que pudéssemos ter um retorno de aspectos úteis de nossas conversações, através do olhar do próprio grupo.

No penúltimo encontro, portanto, dois participantes do GRATA se comprometeram a preparar a última reunião.

Como disparador e norteador de reflexões e discussões grupais, a dupla de coordenadores propôs o inseto BORBOLETA como metáfora, nesse encontro final. Os estágios de desenvolvimento da borboleta: lagarta, crisálida/casulo e a borboleta foram utilizados para focarem o desenvolvimento de cada um no GRATA e no Ambulatório, descrevendo o estágio borboleta, não como algo pronto, mas como uma pontuação de mudança. A partir dessa metáfora, os partici-

pantes do grupo foram, espontaneamente, retomando os animais que haviam escolhido para descrever a anorexia, no encontro citado anteriormente:

Profissional 4: *“A hiena me assustava, nunca podia prever o que ela faria...Deu para ver todas as fases da borboleta...Elas [pacientes] têm o momento, delas de mudar e a gente nem sempre acessa (...) Me senti menos impotente, menos de mãos atadas (...) Melhorou o espaço para pensar o conforto do paciente...”* [ Descrição anterior do animal: *“Hiena. Ninguém sabe do comportamento... anos luz para descobrir...”*]

Profissional 5: *“(...) O tempo com o Familiaie foi o tempo que a gente parou para pensar na gente, sem que as profissões viessem em primeiro lugar. (...)Aprendi a respeitar o meu não saber, e o da equipe (...) ter tempo pra equipe se olhar, ser multiplicador a partir deste grupo. Antes, eu via o meu animal, a pantera, de longe; agora, eu alinho a pantera e o ser humano, tomando cuidado para não provocar a pantera, mas já dá para andarem paralelamente.”*

Profissional 6: *“Os exercícios que me colocaram no lugar da paciente, me fizeram conhecer mais as pacientes por elas mesmas, do que elas têm a mostrar e não pelo profissional...(...) dependendo de onde o animal está, muda de figura. Por exemplo, a pantera no zoológico e nós, com a chave.”*

As falas acima direcionam os profissionais para agenciamentos, a partir da apropriação de recursos próprios e do grupo, conferindo-lhes um lugar de conforto e, conseqüentemente, possibilitando uma ação profissionais-usuários-famílias, voltada ao contexto relacional. Esta tríade passa a ser olhada com suas competências, seus recursos, suas emoções, suas diferentes visões, possibilitando, assim, abandonar posturas baseadas nas “faltas” e nas “falhas”.

As metáforas retomadas do 5º encontro foram re-significadas; para que isto aconteça é necessário, segundo Fuks<sup>11</sup> *...contar com um universo de conteúdo já organizado em rede de interpretantes que possam compartilhar/distinguir as semelhanças e diferenças das propriedades metafóricas.* Isto somente ocorre se as metáforas fazem parte dos discursos cotidianos, trazendo espontaneidade e entendimento coletivo, para que a dança lingüística possa acontecer. Continuamos com outros relatos:

Profissional 7: *“O Familiaie ouviu a equipe e a equipe pôde ouvir mais as pacientes, as mães...”*

Profissional (estagiário) 8: *“A lagarta tem o potencial de desenvolvimento. Eu olhei assim os pacientes e a equipe olhou assim para mim, no potencial. Cada profissional desta equipe alimenta o meu modelo de ser profissional. Eles depositaram em mim, moedinhas.”*

Profissional 9: *“Estou saindo do casulo, afiando as asas; crescer dói. A equipe aqui está com harmonia, estamos conseguindo plantar a mesma linguagem entre nós, e os pais estão verbalizando isso... No contexto do grupo, me sinto como borboleta.”*

Profissional 10\*: *“Vi o desenvolvimento da equipe até ela virar borboleta (...) Me senti só, na equipe, porque eu teria que chegar até borboleta. Fiquei me perguntando: De que modo eu seria útil? As borboletas sentiriam minha falta?[Se emociona] O Familiaie pegou os fios dentro de mim e ajudou a tecer. Sou uma lagarta muito acolhida e busco um papel, busco contribuir. As borboletas me alimentam.”*

Estes relatos nos convidam a pensar na construção de contextos relacionais, através das conversações, que se expandem para além do próprio GRATA; estes processos conversacionais são constituídos a partir, segundo Fuks<sup>11</sup>, *da necessidade, da intenção e da disponibilidade para a cooperação.* Além disso, as relações horizontais favoreceram a multiplicação intra-equipe e entre Familiaie-GRATA, naqueles momentos, no sentido de relações mais cooperativas.

Finalizamos este artigo com uma metáfora relatada por Pearce<sup>12</sup>:

*“Kenneth Burke dizia que a vida é como uma conversação ou, mais especificamente, como uma festa a que fomos convidados mas chegamos tarde. Ao entrar encontramos-nos com as pessoas mantendo animadas conversações sobre toda uma variedade de temas. Aproximamo-nos com um copo de vinho na mão e começamos a escutar as conversas. Logo começamos a participar delas. Antes de acabar a festa, já estamos apaixonadamente envolvidos em alguma das conversações; sentimos que existe algo que devemos expressar, que há algo que não devemos dizer, que não podemos deixar sem questionar o que alguém disse, mas já é tarde e temos que partir. E vamos, ainda que a festa prossiga e as conversas também.”*

E a “festa conversacional” do GRATA continua...

<sup>11</sup>Participação recente no GRATA.

César ABC, Pereira MF, Russo R, Soares ACN, Vicente AT. Reflecting practitioners program: An experience of together institute familiae to the grupo de assistência em transtornos alimentares (GRATA) of HC-FMRP-USP. *Medicina (Ribeirão Preto)* 2006; 39 (3): 433-8.

**ABSTRACT:** This article describes the “Reflecting Practitioners Program” developed by Instituto Famíliae at GRATA (Grupo de Assistência em Transtornos Alimentares) placed at the Clinical Hospital of the Faculty of Medicine of Ribeirão Preto – University of São Paulo (HC-FMRP-USP). The aim of this program was “to take care of the caretakers” - the GRATA interdisciplinary team - through the development of their reflecting ability, the appropriation of their own resources and the support on constructing alternative histories and on solving situations defined by them as problematic. Thirteen monthly meeting had been carried out among Famíliae members and GRATA interdisciplinary team. The changes described by the participants had occurred through sessions developed with interdisciplinary pairs and through the development of their capacity to construct more comfortable positions - as members of the team and in the relationship among professional/client/ family. This triad became to be seen by the team through its resources and abilities, instead of its “flaws” and “lacks”. As a result, horizontal relationships could be privileged instead of hierarchical ones.

**Keywords:** Reflecting Practitioners. Interdisciplinary Team.

## REFERÊNCIAS

- 1 - Morgan CM, Vecchiatti IR, Negrão, AB. Etiologia dos transtornos alimentares: aspectos biológicos, psicológicos e sócio-culturais. *Rev Bras Psiquiatr* 2002; 24 (Supl.3): 18-23.
- 2 - Cobelo AW, Saikali MO, Schomer EZ. A abordagem familiar no tratamento da anorexia e bulimia nervosa. *Rev Psiquiatr Clín* 2004; 31 (4): 184-7.
- 3 - Cordás TA, Claudino AM. Transtornos alimentares: fundamentos históricos. *Rev Bras Psiquiatr* 2002; 24 (Supl. 3):3-6.
- 4 - Bernardes C, Barbas MC, Pereira MF. Multiplicadores reflexivos. *Cadernos de Famíliae* 2001, 17:33-8.
- 5 - Maturana H. Biologia do fenômeno social. In: Magro M, Vaz N. orgs. Humberto Maturana. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG; 1997. p. 195-209.
- 6 - Gergen KJ. El movimiento del construccionismo social en la psicología moderna. *Sistemas Familiares* 1993; 9: 9-23.
- 7 - Maturana H. *Da biologia a psicologia*. Porto Alegre: Artes Médica; 1998.
- 8 - Maturana H. *Emociones y lenguaje em educación y política*. Santiago: Hachette CED; 1992.
- 9 - Andersen T. *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: NOOS/ITF; 1999.
- 10 - Gergen KJ, Kaye J. Além da narrativa na negociação do sentido terapêutico. In: McNamee S, Gergen KJ orgs. *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998. p. 201-22.
- 11 - Fuks SI. Metáforas de transformação nos finais de século: navegando em mundos de conversas sobre a intimidade, a comunidade e os espaços de encontros. *Nova Perspectiva Sistêmica* 1998; 11: 23-34.
- 12 - Pearce WB. *Novos modelos e metáforas comunicacionais: a passagem da teoria à prática, do objetivismo ao construccionismo social e da representação à reflexividade*. In: Schnitman DF org. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996. p. 172-83.